

Entre palcos e picadeiros: a dinâmica circense em Ilhéus no início do século XX¹

Between stages and arenas: the dynamics of the circus in Ilhéus at
the beginning of the 20th century

Bruna Dantas da Silva

Graduada em História

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

brunnadanttas13@gmail.com

Rosana Daniele Xavier

Doutora em Estudo do Lazer

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

rosanadx@gmail.com

Fábio Santana Nunes

Doutor em Estudo do Lazer

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

fsnunes@uefs.br

Marcial Cotes

Doutor em Pedagogia do Esporte e do Lazer

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

mcotes@uesc.br

Recebido: 06/11/2024

Aprovado: 26/05/2025

Resumo: O texto propõe-se a analisar a pluralidade de atividades divertidas, culturais, artísticas e de entretenimento em Ilhéus, Bahia, durante a década de 1920, com foco específico na presença de companhias circenses, empregando como fonte principal o periódico *Correio de Ilhéus*. A pesquisa evidenciou a presença de circos itinerantes na cidade, além de revelar as atrações circenses tradicionais,

¹ **Agradecimentos:** Os autores agradecem à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento por meio das bolsas de Iniciação Científica, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Manifestamos ainda nossa gratidão à UESC pelo apoio financeiro ao projeto, que viabilizou etapas essenciais do trabalho, e aos funcionários do Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC/UESC), cuja atenção e presteza foram indispensáveis durante o processo de levantamento das fontes documentais. Os dados utilizados neste estudo foram coletados a partir do seguinte projeto e registros institucional: "*História do 'sport' e do lazer na Bahia: 'Ilhéus' (1921-1930)*" (registro PROPP nº 00220.1600.1781).

como equilibrismo, acrobacia e malabarismo, os circos que se apresentaram na cidade incluíam práticas corporais e exibições teatrais. Foi possível identificar que as apresentações circenses em Ilhéus contribuíam para causas beneficentes e para a sociabilidade da comunidade. Adicionalmente, identificou-se a influência do movimento higienista, que promovia a integração entre ginástica e saúde nos espetáculos circenses.

Palavras-chave: Circo; História; Ilhéus.

Abstract: The text aims to analyse the diversity of entertaining, cultural, artistic, and leisure activities in Ilhéus, Bahia, during the 1920s, with a specific focus on the presence of circus companies, using the newspaper *Correio de Ilhéus* as the main source. The research highlighted the presence of travelling circuses in the city and, in addition to revealing traditional circus attractions such as tightrope walking, acrobatics, and juggling, it showed that the circuses performing in the city included physical activities and theatrical displays. It was possible to identify that circus performances in Ilhéus contributed to charitable causes and fostered community sociability. Additionally, the influence of the hygiene movement was noted, promoting the integration of gymnastics and health within circus performances.

Keywords: Circus; History; Ilhéus.

Perspectiva Inicial

“Quê havia a gente de fazer senão filhos?
A gente não vai a cinema, não vai a divertimento algum”
(AMADO, 1944, p. 136).

Os estudos históricos apresentam distintos arquétipos concernentes à temática no Brasil. Dentro de suas linhas de pesquisa, há uma abordagem que considera a presença de um hermetismo que abrange uma complexa e variada identidade de costumes, culturas e formas de sociabilidade (DIAS, 2013), que se propõe a conectar o país de dimensões continentais e o seu processo de ocupação. Da mesma forma, esta vereda de investigação não crê que o desdobramento das atividades de divertimento e práticas corporais tenha ocorrido unicamente nos núcleos urbanos, mas teve seu desdobramento, igualmente, nos centros “[...] pouco ou nada urbanizados” (DIAS, 2013, p. 35).

Nessa perspectiva, dentro do conceito de *hinterlândia*², explorado por Russel-Wood (1998),

² *Hinterlândia* é o termo utilizado para designar o espaço interior que se articula e mantém relações com os portos localizados em grandes centros urbanos ou cidades litorâneas. Segundo Anthony John Russel-Wood (1998), esse conceito contribui para compreender como as regiões do interior, que não eram centros, desempenhavam um papel essencial no funcionamento das cidades grandes portuárias, ao fornecerem recursos como alimentos e metais. Ao mesmo tempo, essas regiões dependiam dos portos para o escoamento de seus produtos e para o acesso a mercados externos. De forma sintética, a *hinterlândia* refere-se a uma zona de influência recíproca entre os centros portuários e as áreas interioranas. Trata-se, portanto, de uma noção fundamental para analisar as dinâmicas econômicas e sociais que caracterizaram, por exemplo, o ciclo do cacau no sul da Bahia. Nesse contexto, a cidade de Salvador exerceu papel central como porto exportador, cuja *hinterlândia* incluía localidades como Feira de Santana, Cachoeira, São Félix, Santo Amaro e Ilhéus. Esta última, mesmo

são embrionárias, ou pelo menos eram, as pesquisas que se debruçaram sobre os sertões do Brasil, territórios considerados periféricos, devido à sua distância de centros decisórios político, econômico e cultural. Na capital baiana, concentrou-se grande parte ou quase a totalidade das pesquisas históricas da Bahia, seguindo a lógica de que o desenvolvimento ocorre nos territórios com maior concentração demográfica e economicamente mais privilegiados (FREITAS, 2023; DIAS, 2020; 2013).

Não obstante, na contemporaneidade, observar-se um número crescente de pesquisas desenvolvidas nos interiores baianos no primeiro quartel do século XXI, que abordam as temáticas supracitadas (PIRES; ROCHA JUNIOR; MACHADO, 2023; SILVA; COTES, 2023; NUNES; RIBEIRO; COTES, 2023; LIMA; ROCHA JUNIOR, 2022; DIAS; COTES, 2022; SANTANA *et al.*, 2022; NORTE *et al.*, 2022; NUNES, 2021a; OLIVEIRA *et al.*, 2021; MACHADO; ROCHA JUNIOR, 2020; NUNES; RIBEIRO, 2020; PIRES; DIAS; LEITE, 2014; SILVA, 2008; 2010, 2014; ROCHA JUNIOR, 2013; ROCHA JUNIOR; SANTO, 2011), ainda que em volume inferior, quando comparado aos “[...] limites geográficos das regiões Sul e Sudeste – sobretudo do Sudeste” (DIAS, 2020, p. 11).

Ao se delinear uma historiografia das artes circenses no interior da Bahia, destaca-se um primeiro estudo que aborda a presença do circo no final do século XIX (NUNES, 2021b). Para a primeira metade do século XX, identificam-se quatro estudos relevantes. O primeiro, realizado em Feira de Santana, analisa o Teatro Santana e seus diversos usos, incluindo as apresentações circenses, com o mapeamento de 17 companhias entre 1919 e 1946 (SANTOS, 2012). Dois outros estudos concentram-se na cidade de Senhor do Bonfim, enfocando o circo-teatro no semiárido baiano entre 1911 e 1942, por meio da identificação de 21 companhias que circularam pelo interior do estado nesse período (SILVA, 2008; SILVA, 2010). O último investiga a importância da ferrovia no processo de interiorização das artes circenses na Bahia, com foco nas passagens dos circos pelas cidades de Alagoinhas, Serrinha, Senhor do Bonfim e Juazeiro (SILVA, 2018).

Nesse universo, estudos recentes sobre Ilhéus, que não vivia o contexto de uma capital, mas já experimentava novas formas de sociabilidade (DIAS; COTES, 2022), onde o centro no caso de Ilhéus (RUSSEL-WOOD, 1998), leia-se Salvador, comandava as periferias em termos administrativos dos setores financeiros, comerciais e políticos (FREITAS, 2023; FREITAS; PARAÍSO, 2001; GARCEZ; FREITAS, 1975). Isso expõe que, independentemente de centro ou periferia, as atividades divertidas

possuindo um porto desde o final do século XIX, enviava suas mercadorias para Salvador até 1926, de onde eram exportadas para o exterior.

estavam presentes e faziam parte da sociabilidade na Terra de Jorge Amado ou, como denominado de forma idealizada por Adonias Filho (1976), na região da “Civilização do Cacau”. Tal como nas capitais e nas grandes cidades do país no período investigado.

No decênio de 1920, a elite ilheense, em seu projeto de uma urbe civilizada, patrocinado pela economia cacauêira, em consonância com os ideais de modernidade que se espraiavam por todo o Brasil no início do século XX – inspirando-se no estilo de vida e nas experiências estrangeiras, preferencialmente da Europa (SOBRINHO, 2013) –, adotou iniciativas para a promoção das práticas de divertimento. Assim como as reformas urbanas, não incluíam as camadas populares, e que visavam deixar no pretérito uma estética social considerada atrasada (cf. SILVA; COTES, 2023).

À vista disso, esta pesquisa busca analisar a diversidade de atividades divertidas, culturais e artísticas no decênio de 1920 em Ilhéus, com foco específico na presença de companhias circenses, empregando como fonte principal o Correio de Ilhéus, único periódico disponível desse período no acervo do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEDOC/UESC).

Estratégias da Pesquisa

Para entender os fatos de uma determinada sociedade na atualidade, é fundamental ter o discernimento de como se desenvolveu, no passado, o processo histórico deste grupo. Os eventos atuais desse corpo social só fazem sentido quando vistos no contexto da realidade do pretérito que os originou (RICHARDSON, 1999).

Portanto, esta investigação se caracteriza como um estudo de corte transversal, qualitativo e de cunho narrativo. Para o diagnóstico foram utilizados dados das diretrizes de Luca (2008), que incluem: a atenção à materialidade dos impressos, considerando seus aspectos físicos e visuais; a natureza seriada (1921 a 1930³); a compreensão dos objetivos sociais que o meio de comunicação visava alcançar; a definição do público-alvo; a identificação do grupo proprietário do periódico, entre outros aspectos. Na investigação, em conformidade com a recomendação de Cardoso e Vainfas (1997, p. 539), que sugerem que “[...] o historiador deve estar atento ao modo como o conteúdo histórico é apresentado, seja como simples informação ou como ideias [...]”, foram empregadas fontes primárias. Dessa forma,

³ É o único jornal do período investigado disponível em série para consulta no Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEDOC/UESC).

a atenção concentrou-se nas narrativas das fontes históricas, sobretudo no jornal local Correio de Ilhéus (BIRREL, 2011; PHILLIPS, 2001).

O Correio de Ilhéus foi fundado em 24 de setembro de 1921 pelo Coronel Antônio Pessoa da Costa e Silva, representante do Partido Republicano Democrata local. O Coronel atuava como diretor do periódico e contava com dois de seus filhos, Astor e Mário Pessoa, como redatores (RIBEIRO, 2008; 2017; RIBEIRO, 2015). Dessa forma, o Correio de Ilhéus refletia os interesses das elites locais dos “Novos Ricos” (MAHONY, 2007; 1996), representadas pelos políticos associados ao Coronel Pessoa e ao Partido Republicano Democrata.

Desde o início, o jornal alinhou suas pautas e posturas com os interesses desse grupo e seus projetos. A cobertura sobre diversões no periódico era regular, com colunas diárias voltadas às sociabilidades, atendendo expectativas e interesses dos proprietários. Notas esparsas mencionavam a presença das companhias circenses na cidade.

O periódico possuía as colunas denominadas de “Cine-Theatro” e “Ilhéus Social”, que traziam, além das notícias da sociedade ilheense, as programações dos teatros e cinemas. No decênio de 1920, a diversão cinematográfica incluiu o funcionamento regular do Central, o Pery, o Cine-Vesúvio e o Aliança, no núcleo urbano da cidadina, e o São João no arraial do Pontal. Já o Unahyp e o Cine-Theatro Laroca estavam localizados em povoados no entorno da cidade (CAMPOS, 2006; EM PIRANGY, 1924, p. 2; ÁGUA PRETA SOCIAL, 1926, p. 2; CINEMAS..., 1929, p. 2; DIAS; COTES, 2022; SILVA; COTES, 2023). Em resposta ao crescente interesse do público pelo tema diversão, fomentado pelo próprio jornal como parte de um esforço para aprimorar a sociabilidade, o periódico incorporou, posteriormente, a coluna “Correio Artístico”.

Circo e sociabilidade: o entretenimento em Ilhéus

Esta pesquisa identificou que os circos tiveram inserção na sociedade ilheense como uma forma de diversão no período estudado, sendo possível detectar 12 companhias itinerantes (Quadro 1). Dois circos visitaram a urbe duas vezes no recorte da investigação. Nas matérias catalogadas, a ideia de civilidade estava sempre presente, como exemplificado em fevereiro de 1926, quando o Circo Europeu foi considerado pelo periódico “[...] uma empresa de diversões à altura de centros civilizados [...]” como o de Ilhéus (CIRCO EUROPEU..., 1926, p. 2), sempre salientando os sucessos que os circos tinham nas capitais e/ou os artistas mais populares.

Quadro 1 – Circos arrolados em matérias do *Correio de Ilhéus* (1922 - 1929)

Ano	Companhias Circenses	Período
1922	Circo Temperani	Fevereiro
	Circo Jonas	Agosto
	Circo Altai	Dezembro
1924	Circo Ventura	Janeiro
	Circo Herval	Abril
	Circo Hermosa	Maio
1925	Circo Ovidio Neves	Fevereiro
	Circo Rio Grandense	Novembro
1926	Circo Europeu	Fevereiro
	Circo-Theatro Dudú	Abril
1928	Eden Circo	Fevereiro
	Eden Circo	Julho
1929	Circo Europeu	Janeiro
	Circo Iracy	Abril

Fonte: Periódico *Correio de Ilhéus*. Elaborado pelos autores.

Não obstante, é interessante relatar que as atrações circenses que passaram em Ilhéus abrangiam práticas corporais, com destaque para equilibrismo, acrobacia, ginástica (CIRCO TEMPERANI..., 1922, p. 2), malabarismo (CIRCO EUROPEU..., 1929, p. 2), balé, luta de boxe, contorcionismo (CIRCO EUROPEU..., 1926, p. 2; CIRCO EUROPEU..., 1929, p. 2), trampolim de rampa, números de força (CIRCO JONAS..., 1922, p. 2) e trapézio (CIRCO IRACY..., 1929, p. 2). Além de outras exibições tradicionais, como exposição de animais (DA COMPANHIA, 1922), palhaços, ventríloquos (CIRCO RIO GRANDENSE..., 1925, p. 2; CINEMA CENTRAL, 1922) e ilusionistas (EDEN CIRCO..., 1928, p. 2).

Logo, foi possível identificar que os circos tinham o costume de trazer conjuntos musicais, e uma parte do espetáculo era dedicado ao teatro, com pantomima – teatro gestual –, peças de comédia e do gênero melodramático (CIRCO TEMPERANI..., 1922, p. 2; CIRCO VENTURA..., 1924, p. 2; CIRCO RIO GRANDENSE..., 1925, p. 2). Essa prática foi retomada pelos circos no início do século XX (DUARTE, 1995), em consonância com os achados de Lopes (2020) em jornais de São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro. Desde meados da centúria de XIX, é possível inferir uma aproximação estética sociocultural, bem como de sociabilidade e divertimento de uma urbe periférica e seu centro urbano, que extrapolava questões financeiras, comerciais e políticas, ao dialogar com o que vinha ocorrendo nas capitais no período estudado.

Lopes (2020) explorou a vida de um dos grandes nomes do circo no país, Vicente Casali. A família Casali e seus artistas formaram uma supremacia econômica circense no Brasil, atuando em diversos estados, protocolarmente, de 1870 a 1898, além de países vizinhos. Como apontado por Lopes (2020), o longo tempo de atividade é um indicativo do sucesso da linhagem dos Casali.

É interessante salientar que algumas das expressões circenses foram dominadas por famílias específicas, como é o caso da família Estancowich e os malabarismos, ou da família Casali e a ginástica. Um exemplo da heterogeneidade e da circulação da ginástica é Vicente Casali, filho de espanhóis que chegaram ao Brasil (CABRAL, 2016).

A contribuição da família Casali para o desenvolvimento da linguagem circense no país é algo inquestionável, especialmente ao se considerar o papel central desempenhado na integração de numerosos clãs circenses ao Circo Casali, dando prosseguimento à atividade artística burlesca. Aliás, a família Casali ainda contribuiu significativamente para o elenco de outros circos durante sua extensa jornada pelo Brasil (LOPES, 2020). Por conseguinte, entre os grupos/famílias circenses que exerceram este ofício em colaboração com os Casali, Lopes (2020) aponta o Circo Temperani, que esteve em Ilhéus em 1922.

Ilhéus recebia os circo-teatros, que, de acordo com Pimenta (2005), se popularizaram em todo o Brasil na década de 1920. Um arquétipo é o Circo-Theatro Dudú, em 1926, apresentando um vasto repertório, incluindo *Amor de perdição*, *O Conde de Monte Cristo* e *A rosa do adro* (CIRCO THEATRO DUDÚ..., 1926, p. 2) – alguns dos melodramas mais representados durante a Primeira República (BRAGA, 2003).

O Circo-Theatro Dudú em sua forma e conteúdo, traz elementos estruturais da cultura popular urbana do início do século XX. Essa companhia circense-teatral não é apenas um exemplo isolado, mas sim uma expressão paradigmática de um tipo de empreendimento artístico itinerante, comum no período, que articulava entretenimento, formação moral e repertório melodramático. Ao montar peças como *Amor de Perdição* ou *O Conde de Monte Cristo* – narrativas clássicas que exaltam o amor trágico, a luta contra a injustiça e o destino implacável –, o Circo-Theatro Dudú se insere num imaginário coletivo já consolidado na cultura da época, de um fenômeno cultural mais amplo, funcionando como um modelo que permite entender a estrutura simbólica e social das manifestações cênicas populares.

Havia espetáculos dedicados a clubes esportivo, filarmônicas, associações, outras agremiações ou em prol de causas beneficentes locais, como da Companhia Jonas, uma benesse da aplaudida artista

Cecília Gomes de Lima, dedicada à Associação dos Trabalhadores do Comércio de Ilhéus (Imagem 1). Algumas dessas atrações extrapolavam o circo e se apresentavam em clubes, associações, cinemas e teatros. Como uma ação filantrópica na metade do século XIX, com a apresentação de ginástica do artista circense Sr. Penna, que, a convite do renomado Vicente Casali, executou difíceis posições de equilíbrio no Clube Ginástico Português, no Rio de Janeiro, em março de 1871, para vantagem do Caixa de Socorros de D. Pedro V. e do Asilo dos Inválidos da Pátria (LOPES, 2020). Causas semelhantes ocorreram em outras regiões e épocas, como por exemplo, as ocorridas em Feira de Santana, na Bahia, em 1885, pela Companhia Cuyabana no Circo Olímpico (NASCIMENTO, 2012), e um espetáculo circense em Campos dos Goytacazes (CARNEIRO; MELO, 2021), engajadas em benefício do abolicionismo.

Assim como a apresentação relatada no Clube Português, na então capital do país, foi possível identificar ações solidárias nas páginas do Jornal Correio de Ilhéus, como por exemplo, da Troupe Rosas, em proveito do clube de futebol Flamengo da citadina, realizada no palco do Cine-Vesúvio, em maio de 1923 (Imagem 2).

Imagem 1 – A troupe da Companhia Jonas em anúncio de espetáculo beneficente.



Fonte: *Correio de Ilhéus*, 29 ago. 1922, p. 2.

Imagem 2 – O Flamengo e o seu benefício.



Fonte: Correio de Ilhéus, n. 298, 26 mai., p. 1, 1923.

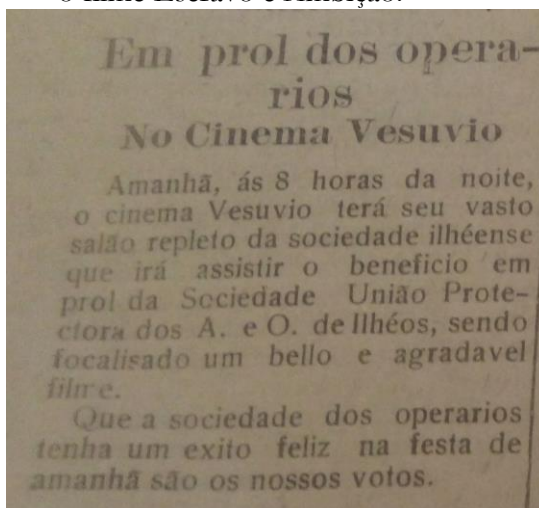
Os espetáculos filantrópicos não se restringiam aos circos, pôde-se verificar que inúmeras sessões de cinemas eram destinadas a associações, clubes e filarmônicas locais (Imagem 3). A título de ilustração, o filme “Peito a Peito”, com o renomado ator norte-americano – nova-iorquino – Henry DeWitt Carey II, conhecido como Harry Carey, especialista no gênero western (VESÚVIO, 1923, p. 3), e o filme “[...] “Escravo e Ambição”, em prol da sociedade Beneficente dos Artistas e Operários de Ilhéus” (EM PROL DOS OPERÁRIOS, 1922, p. 1) (Imagem 4).

Imagem 3 – Chamada do Jornal Correio de Ilhéus para sessão beneficente.



Fonte: Correio de Ilhéus, n. 296, 22 de mai., p. 3, 1923.

Imagem 4 – No Cine-Vesúvio em prol da sociedade Beneficente dos Artistas e Operários de Ilhéos o filme *Escravo e Ambição*.



Fonte: Correio de Ilhéus, n. 182, 17 ago., p. 1, 1922.

As apresentações beneficentes dos circos contribuíam para estabelecer um vínculo entre a população local e as próprias companhias circenses (XAVIER, 2009). Como aponta Nunes (2021, p. 67), as sociedades musicais exerciam grande influência sociocultural local, emprestando seus nomes e “[...] incentivando ao ajuntamento público, possível de ser alcançado por meio dos sócios e adeptos”. Outra dinâmica observada era que algumas dessas atrações circenses extrapolavam as lonas armadas dos circos, apresentando-se em clubes, associações, cinemas e teatros. Essa alternativa logística era vantajosa, pois esses locais ofereciam “agilidade na organização do espetáculo, conforto aos espectadores e localização, muitas vezes, privilegiada” (NUNES, 2021b, p. 65).

As sessões de filantropia poderiam ter caráter espontâneo, porém, em muitos casos, as empresas circenses se sentiam obrigadas a estabelecer certas articulações com setores e grupos da comunidade visitada. Ao analisar esse fenômeno, o historiador Aldo José Morais Silva (2023), conceituou-o como “Beneficência Compulsória”. Esta compreensão, com base nas investigações de Silva (2023), tinha como propósito determinar a obrigatoriedade, aos artistas profissionais viajantes circenses da época, de realizar um ou mais espetáculo, cujos ganhos pecuniários tinham como destino, parcial ou integral, uma instituição de caridade ou outra entidade local.

De acordo com Silva (2023), essa condução era prescrita por meio de contratos, que podiam ser celebrados de maneira protocolar ou informal, neste caso, a partir de tratativas verbais. A conduta observada era fundamentada na reciprocidade, com base na expectativa de apoio e validação dos

espetáculos desses grupos itinerantes de artistas circenses, pela comunidade local. Essa assistência se manifestava por meio do reconhecimento e da divulgação, por parte das autoridades e instituições locais, como a imprensa, líderes políticos, clubes, filarmônicas, associações, hospitais e entidades religiosas, as quais incentivavam o público a assistir aos espetáculos, desde que as demandas iniciais tivessem sido atendidas (SILVA, 2023).

Especificamente, no caso de Ilhéus no período analisado, o conceito de “Beneficência Compulsória” era uma alternativa para as companhias circenses viabilizarem financeiramente sua vinda e estadia na urbe. Com respaldo na investigação recente de Dias e Cotes (2022), é possível compreender a realidade do contexto de Ilhéus, que vivia naquele momento a emergência dos esportes e outras formas de entretenimento, em um período exordial de industrialização e urbanização.

Em consonância com os argumentos de Dias e Cotes (2022), no ano de 1923, segundo as normativas do censo daquele estágio, apenas 16% dos residentes do núcleo do município estavam concentrados na área central, considerada como parte da “zona urbana”. Ao passo que, distribuídos entre seus cinco distritos (Aritaguá, Água Preta, Banco do Pedro, Castelo Novo, Pontal e Primavera), julgados como “zonas rurais”, havia um total de 63.012 habitantes (BAHIA, 1926, p. 291-409). O que revela um desafio adicional aos circos na atração e manutenção de um público estável, sublinhando a importância de adaptar os espetáculos às características locais. Mesmo na área da sede, com uma população de aproximadamente 10.779 habitantes e atividades comerciais e urbanas concentradas, a quantidade de pessoas residentes na região urbana em Ilhéus era 20 vezes menor em comparação com Salvador e Recife no mesmo momento histórico, evidenciando um acanhado decurso de urbanização.

Na apresentação filantrópica que ocorreu no Clube Português no Rio de Janeiro, foi possível constatar em sua programação a participação de uma filarmônica composta pela “[...] Senhorinha Mello, Rachel de Almeida e o Sr. Bolgiano, no canto; os Srs. Silva e Duarte, na clarineta; o Sr. Motta Mello, na flauta, e os Srs. Alfredo Bevilacqua e Germano Lopes, no piano [...]” (CLUB GYMNASTICO ..., 1871, p.1), que trouxeram à audição os timbres que ressoam continuamente nos espaços dos clubes, das salas de concerto e das orquestras fluminenses, evocando encanto e nostalgia.

Em Ilhéus, naquele momento investigado, foi possível observar que, além do conjunto musical do próprio circo, a participação das filarmônicas da cidade era comum. Como exemplo, a Euterpe 3 de Maio (CIRCO ALTAI..., 1922, p. 2; CIRCO VENTURA..., 1924, p. 2; FESTA DO FLAMENGO..., 1924, p. 1) e a Harpa Infantil do arraial do Pontal (CIRCO HERVAL..., 1924, p. 4)

tocavam durante os intervalos e ao final das apresentações artísticas, enriquecendo a experiência sociocultural dos espectadores. As bandas locais exerciam um papel importante no processo de inserção dos circos no universo cultural e social citadino (SILVA, 2007), contribuindo para uma permanência mais duradoura das companhias em Ilhéus.

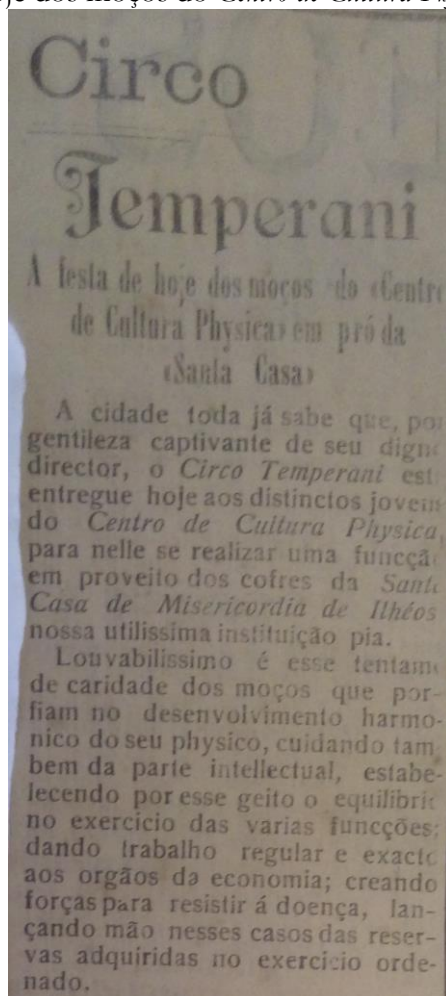
Essa dinâmica de orquestras atuando em eventos que promoviam a sociabilidade foi notada por Gois Júnior (2013) no velódromo de São Paulo, onde a presença de filarmônicas nas corridas de bicicletas era comum, refletindo uma prática recorrente em eventos esportivos da época. Aliás, conforme apontado por Xavier, Amaral e Dias (2021), a colaboração entre sinfônicas locais e circos visava prolongar o período de apresentações, aumentando assim a bilheteria, algo crucial em paragens com população urbana limitada. Sessões realizadas e benefício das filarmônicas em Feira de Santana contaram com a participação de alguns circos, práticas observadas desse o final do século XIX até a década de 1910 (Nunes, 2021b), com contribuições nos decênios de 1920 e 1930 (SANTOS, 2012). Corroborando essa realidade, a “Beneficência Compulsória” descrita por Silva (2023) se tornava preponderante para assegurar as companhias circenses em Ilhéus, haja vista a localização da urbe, com acesso restrito ao transporte marítimo, que certamente teve impacto na frequência e exequibilidade dos circos, elevando os custos de deslocamento e afetando sua regularidade. Portanto, a inclusão de atrações com participantes locais tornava-se uma estratégia para incentivar o público a frequentar o circo mais de uma vez durante sua temporada na citadina.

Outra característica de Ilhéus, na época estudada, que desafiava a lucratividade das companhias circenses, era a limitação da população com recursos disponíveis para atividades divertidas. Essa realidade, quanto ao acesso a tais programas de entretenimento, é evidenciada na citação da epígrafe do texto ora em tela, da obra *Cacau*, de Jorge Amado (1944), em um diálogo do personagem Roberto, que, criticado pelo número elevado de filhos, verbaliza: “Quê havia a gente de fazer senão filhos? A gente não vai a cinema, não vai a divertimento algum” (p. 136).

Os circos, como o Temperani, conhecido por ser amplamente aplaudido no sul do país e presente na pesquisa de Lopes (2020), contribuíam nos esforços beneficentes na urbe, como o espetáculo em prol da Santa Casa em 1922 (CIRCO TEMPERANI, 1922, p. 2). Esta associação filantrópica, a Santa Casa de Misericórdia, era uma instituição presente em algumas cidades da Bahia e em outros estados do País, dedicada aos cuidados com a saúde da população enferma local, além de auxiliar os familiares nos funerais. Doações a esse tipo de instituição eram uma prática comum na Bahia desde a sua criação (SANTOS, 2013). O evento em benefício da Santa Casa de Ilhéus (Imagem

5), contou com a participação dos jovens do *Centro de Cultura Physica* da cidade, destacando-se atrações tradicionais como ginástica artística, com apresentações de argolas e barra, afora luta de boxe (CIRCO TEMPERANI, 1922, p. 2). O que sugere uma relativa apropriação de práticas que já ocorriam em outras cidades no intuito de atrair uma plateia copiosa.

Imagem 5 – A festa de hoje dos moços do *Centro de Cultura Physica* em prol da Santa Casa.



Fonte: Correio de Ilhéos, n. 100, 26 de jan., p. 2, 1922.

Entre tendências, espetáculos e entretenimento: o circo na era do higienismo

No periódico consultado do período, foram identificadas observações relacionadas às ideias higienistas, ancoradas no princípio de “*Mens sana in corpore sano*” (um espírito sadio em um corpo sadio). Essas idealizações expressavam preocupações com a cultura mental e a formação do tipo ideal preconizado pela eugenia, que objetivava o aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana, prevenindo o “abastecimento das raças” (CIRCO TEMPERANI..., 1922, p. 2). Esses conceitos

estavam frequentemente associados ao condicionamento físico dos amadores locais do *Centro de Cultura Physica* da urbe.

Nesse panorama histórico, Ilhéus, assim como Salvador, ambicionava alinhar-se aos grandes centros urbanos por meio da renovação dos hábitos populacionais. Este esforço refletia a tendência da época e se dispersou por cidades do interior, como Oliveira, em Minas Gerais, onde se destacava um *upgrade* nos hábitos, conforme os ideais de modernidade e a adoção do discurso higienista, apontado por Amaral (2022, p.16). Esse movimento pode ter permeado a dinâmica local das urbes por onde os circos passavam. Um exemplo dessa aspiração à modernização é ilustrado em um artigo do Jornal Correio de Ilhéus, de 10 de março de 1927. O texto apresentava o relatório de “*Hygiene publica*” de 1926, elaborado pelo Dr. Intendente Mário Pessoa, que evidenciava a integração da saúde de Ilhéus com as diretrizes estaduais, liderada pelo Dr. Luiz Gil de Souza Guimarães, encarregado pelo Posto de Saneamento da cidade.

Nos últimos anos do primeiro quartel do século XX, ocorreu em São Paulo uma contestação por parte do médico Arthur Neiva, no jornal O Estado de São Paulo, que, em seis editoriais, defendia o esporte como uma entidade capaz de coadjuvar o cuidado com a saúde e o aprimoramento da raça brasileira. Neiva expressava, em suas publicações no periódico, um antagonismo ao livro “O *sport* está deseducando a mocidade brasileira”, de Carlos Sussekind de Mendonça. O autor da obra argumentava que a prática de esportes era prejudicial à saúde, haja vista que na visão de Mendonça, levava o cidadão ao esgotamento do corpo, perturbando o seu bem-estar e, por consequência, não sendo salutar (GOMES; DALBEN, 2011; GÓES JUNIOR; MELO; SOARES, 2015). Essa discussão era alimentada pela disseminação dos métodos ginásticos na Europa (LANGLADE; LANGLADE, 1970; SOSA; MORO, 2024), que, naquela altura do decênio de 1920, ganhavam apelo no Brasil em busca da eugenia.

Em harmonia com as ideias de Melo e Peres (2014), no transcorrer do século XIX para o XX, o circo desempenhou um papel vanguardista na divulgação da ginástica. Ao consultar as descobertas de Lopes (2020), é possível entender o quanto essa modalidade adentrou o picadeiro do circo, a ponto de ser utilizada como ferramenta de propaganda na mídia, com anúncios em periódicos que invariavelmente incorporavam o termo “gymnastica” nas frases publicitárias.

Com base nas investigações de Cabral (2016), um exemplo notável dessa diversidade de apropriação da ginástica na virada do século XIX para o XX é Vicente Casali, já referenciado. Filho de imigrantes, além de suas atividades circenses, trabalhou como professor de ginástica no Colégio Pedro

II, após Reforma do Ensino Primário e o decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879 (CAVALCANTE; BUNGENSTAB; LAZZAROTTI FILHO, 2020), que expandiu as aulas de ginástica na educação básica. Casali, nos esclarece Cabral (2020), lecionou em várias outras instituições, como o Colégio Universitário Fluminense e a Escola Imperial Quinta da Boa Vista. Durante sua carreira, escreveu projetos de ensino de ginástica para o Colégio Pedro II e, em 1888, manifestou descontentamento com o programa de ensino de Arthur Higgins, defendendo a adoção de sua própria proposta para o planejamento de ginástica, que considerava mais alinhada com os princípios pedagógicos e higiênicos da educação física (CABRAL, 2016).

Em consenso com as interpretações de Langlade e Langlade (1970), a segmentação da ginástica em várias zonas de influência, com pioneiros como Thomas Arnold na Inglaterra e Guts Muths na Alemanha, culmina no desenvolvimento de métodos específicos que permearam a educação física europeia e influenciaram práticas globais.

À luz dos estudos de Lopes (2020), até o filho caçula do Marechal Floriano Peixoto – que exerceu a presidência do Brasil no período de 1891 a 1894 –, José Floriano Peixoto, era um adepto da prática da ginástica e optou por não seguir a carreira militar como seu progenitor, tornando-se um *sportman*. Zeca Floriano, ou o célebre Zeca Peixoto, foi um dos ginastas mais renomados e mencionados no início da centúria de XX. Naquela época, o então conhecido como o “Marechal do Circo” destacou-se como um dos pioneiros na capital do país, ostentando um físico robusto e musculoso, em contraste com o ideal de corpo valorizado na época, que era mais esbelto e menos musculoso (MELO, 2007; 2011).

Nesse décor, foi encontrado no Correio de Ilhéus informações sobre a “Lucta Romana”, atualmente conhecida como luta greco-romana (Imagem 6). A nota apresentava uma imagem e informações sobre o campeão desta modalidade na capital do país, Jayme M. Ferreira, que iniciou o método da Cultura Física do professor francês Desbonnet em Salvador. O preceito de treinamento físico defendido por Eugene Desbonnet foi criticado por ser considerado insignificante, uma vez que objetivava o desenvolvimento muscular tanto do sexo masculino quanto do feminino (LOPES, 2020; FRAGA; GOELNNER, 2003).

Ao retomar o imbróglio entre Neiva e Mendonça, é imprescindível considerar a complexidade das práticas de saúde e suas representações simbólicas, como orienta Le Breton (2011), “[...] que as condutas de higiene e as relações imaginárias de limpeza ou de sujeira são profundamente heterogêneas

quando passamos de uma sociedade e de uma cultura para outra, de uma classe social para outra” (p. 57). Inseridos em contextos históricos particulares, como destaca Sobrinho (2013), esses *modus operandi* estão atrelados ao ideal elitista de progresso, focado em “[...] disciplinar os espaços e corpos” (p. 215). As sociedades, em sua busca pela modernidade – um patamar ainda não alcançado por todas no recorte desta investigação –, eram marcadas pela influência da medicina, que ocasionalmente negligenciava aspectos sociais e culturais, complicando a absorção dessas práticas pelas classes menos favorecidas, que mais necessitavam dessas intervenções, como nos lembra Le Breton (2011).

Imagem 6 – O campeão de luta greco-romana Jayme M. Ferreira.



Fonte: Correio de Ilhéus, n. 145, 18 de mai., p. 2, de 1922.

No cenário circense, Amaral, Xavier e Dias (2019) identificam o picadeiro como uma entidade de múltiplas facetas, assim como na análise da ginástica por Cabral (2016), desempenhando um papel econômico primordial na indústria cultural e, adicionalmente, servindo como um meio de difusão de

costumes considerados civilizados por certos segmentos da sociedade. Desse modo, a partir do século XIX, Salvador, como em outras partes do país, foi marcada pela emergência do movimento higienista, concebido como um dos pilares do ideal de modernidade (MACHADO; ROCHA JUNIOR, 2020, p. 4).

Essa dinâmica evidenciava um contraste na capital soteropolitana, onde um grupo aristocrático controlava o comércio e desfrutava da prosperidade, enquanto a maioria enfrentava condições de pobreza (FREITAS, 2023). Em Ilhéus, essa realidade era romantizada na expressão “Civilização do Cacau”, cunhada por Adonias Filho (1976), refletindo as aspirações de modernidade que muitas vezes exigiam inspiração e práticas adotadas na Europa, como a valorização dos exercícios ginásticos populares em Paris. Assim como ocorria em Salvador, e como verbalizado pelo personagem Roberto da obra “Cacau Amadiana”, o que haveria de fazer em Ilhéus para a grande maioria da população, que, ao contrário da aristocracia local, não dispunha de recursos para frequentar cinema, circo ou outro divertimento?

No final do século XIX, Salvador investiu na reestruturação educacional, destacando a ginástica como símbolo de modernidade e progresso (MACHADO; ROCHA JUNIOR, 2020, p. 12), guarnecida pela Reforma do Ensino Primário (CAVALCANTE; BUNGENSTAB; LAZZAROTTI FILHO, 2020). Este ímpeto pela modernização e pela adoção de novos padrões culturais e sociais foi notado em outras cidades, como Oliveira, em Minas Gerais, conforme relatado por Amaral (2022, p. 16). Da mesma forma, o Rio de Janeiro, então capital federal, passou por reformas urbanísticas sob a gestão de Pereira Passos, que não apenas remodelaram o espaço físico da cidade, mas ainda influenciaram outras cidades, como Ilhéus, na sua busca pela modernização e pelo alinhamento com padrões urbanos e culturais contemporâneos (*cf.* SILVA; COTES, 2023).

O circo, ao integrar-se à vida cultural de Ilhéus, refletiu e, em alguns aspectos, incentivou os princípios do movimento higienista da época. A influência dos circos sobre as práticas de sociabilidade e culturais locais, especialmente por meio da promoção de atividades físicas e ginásticas, como evidenciado pelas apresentações do Circo Jonas e do Centro de Cultura Physica, ilustra um esforço contínuo para alinhar-se aos ideais de modernidade e progresso. Essa integração das práticas de ginásticas, boxe e luta greco-romana nos espetáculos circenses não apenas proporcionava entretenimento, mas ainda servia como um meio de disseminar valores associados à saúde e ao bem-estar físico, em sintonia com as tendências higienistas.

No entanto, a aspiração à modernidade em Ilhéus e em outras cidades brasileiras, como Salvador e Rio de Janeiro, evidenciava um contraste marcante entre as elites, que podiam acessar e adotar os novos padrões culturais, e as camadas populares, que enfrentavam barreiras para se beneficiar dessas práticas.

Perspectivas Finais

A pesquisa ora em tela se propôs a analisar as atividades divertidas, culturais e artísticas na cidade de Ilhéus, no sul da Bahia, durante o decênio de 1920, sobretudo com ênfase na frequência de companhias circenses na citadina. Como fonte basilar da investigação, foi utilizado o *Jornal Correio de Ilhéus*, o único periódico disponível desse período no acervo do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEDOC/UESC).

Guiada pelo projeto de modernização urbana patrocinado pela economia cacaueteira, a elite aristocrática de Ilhéus, no decênio de 1920, influenciada pelos ideais de modernidade que permeavam o Brasil no início do século XX, implementou iniciativas para promover práticas de entretenimento que, assim como as reformas urbanas, excluía as camadas populares e visavam substituir uma estética social considerada obsoleta.

O estudo em questão revelou a inserção dos circos na vida social de Ilhéus durante o período analisado, evidenciado pela presença de 12 companhias itinerantes na cidade, no recorte de 1921 a 1930. Destaca-se que dois circos realizaram duas visitas ao município, o que pode refletir a popularidade e a relevância desses eventos para a comunidade local. A investigação mostrou que, além das atrações circenses tradicionais, conhecidas no tempo presente, como equilíbrio, acrobacia e malabarismo, os circos que se apresentaram na urbe ainda incluíam práticas corporais e exibições teatrais, o que ajudou a atrair e a divertir o público local.

Deste modo, foi possível constatar que as apresentações circenses em Ilhéus não apenas ofereciam entretenimento, mas contribuíam para causas beneficentes e para a sociabilidade. Os circos frequentemente realizavam espetáculos em prol de clubes, associações e instituições de caridade, como a Santa Casa de Misericórdia de Ilhéus. Essas ações solidárias ajudavam a estabelecer uma conexão entre as companhias circenses e a comunidade local, facilitando a aceitação e o suporte para suas apresentações.

Outro aspecto relevante a ser considerar é o difícil acesso à cidade de Ilhéus no período investigado, uma vez que o único meio de transporte factível para o deslocamento dos circos era o marítimo. Por essa razão, o conceito de “Beneficência Compulsória” pode ter desempenhado um papel preponderante ao oportunizar a presença das companhias na citadina.

Além das atrações tradicionais, o estudo em questão identificou a influência do movimento higienista na época, que promovia a integração da ginástica e da saúde nos espetáculos circenses. O circo, ao incorporar atividades ginásticas e esportivas, alinhava-se com os ideais de modernidade e progresso que estavam em voga. Não obstante, essa aspiração à modernidade evidenciava um contraste entre a elite da oligarquia cacauífera, que podiam acessar novas práticas culturais e sociais, e as camadas populares, que enfrentavam dificuldades para se beneficiar dessas inovações.

De maneira geral, o circo em Ilhéus, inserido no contexto das ideias higienistas, simboliza tanto a busca por progresso e modernidade quanto as complexidades e desigualdades associadas a esse processo. Por meio das apresentações circenses e das práticas associadas à ginástica, o circo não apenas ofereceu entretenimento, mas pode ter participado ativamente na formação das novas normas sociais e culturais da época. Sem embargo, a implementação e o impacto dessas práticas revelaram desafios significativos, evidenciando as dificuldades de harmonizar o ideal de modernidade com as realidades socioeconômicas das diversas camadas da sociedade ilheense.

À guisa de conclusão, evocando a epígrafe nas primícias do trabalho ora em tela e ao considerar o desabafo do personagem Amadiano Roberto ao verbalizar: “Quê havia a gente de fazer senão filhos? A gente não vai a cinema, não vai a divertimento algum” (AMADO, 1944, p. 136), é possível sugerir que o circo, como espaço de sociabilidade no contexto deste estudo, atingia uma porcentagem restrita da população. Isso representava uma dificuldade adicional para a presença das companhias na cidade de Ilhéus durante este momento histórico.

Referências

Bibliografia

- ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau (uma civilização regional). 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.
- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. Práticas corporais em Oliveira, Minas Gerais, 1916-1920. **Recorde – Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2022.

BRAGA, Cláudia. **Em busca da brasilidade**: teatro brasileiro na primeira república. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CABRAL, Pedro Luiz da Costa. **A aliança dos contrários: a ginástica protagonizada no circo (Brasil, 1840-1880)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação - Belo Horizonte, 2016.

CAMPOS, João da Silva. **Crônicas da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Ilhéus: Editus, 2006.

CAVALCANTE, Fernando Resende; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Rui Barbosa e a educação física nos pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições. **Movimento**, v. 26, p. e26078, 2020.

DIAS, Cleber e COTES, Marcial. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930). **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 91, p. 359-384, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-17>

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. *Tempo* (Niterói. Online), v. 17, p. 33-44, 2013.

DIAS, Cleber (org.). **Depois da Avenida Central**: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995.

FRAGA, Alex Branco; GOELLNER, Silvana Vilodre. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59 – 82, set., 2003.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Revista Movimento**, v. 19, p. 95-117, 2013.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; Melo, Victor Andrade de; Soares, Antônio Jorge Gonçalves. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 343-360, 2015.

GOMES, A. C.; DALBEN, A. O controle médico-esportivo no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo: aproximações entre esporte e medicina nas décadas de 1930 e 1940. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 18, n. 2, p. 321-336, 2011.

LANGLADE, Alberto; LANGLADE, Nelly Rey. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LIMA, Lizandra de Souza; ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. As práticas de lazer e a sociabilidade nos espaços públicos em Alagoinhas-BA (1900-1930). **Recordes – Revista de História do Esporte**, v. 15, n. 2, p. 1-14, 2022.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ, 5. ed.: Vozes, 2011.

LOPES, Daniel de Carvalho. **Os circenses e seus saberes sobre o corpo, suas artes e sua educação: encontros e desencontros históricos entre circo e ginástica**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

doi:10.11606/T.48.2020.tde-15032021-152741.

MACHADO, Aline Gomes; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira. Modernidade higienismo e ginástica em Salvador/BA (1850-1920). **Revista Movimento**, v. 26, p. e26011, 2020.

MAHONY, Mary Ann. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauceira da Bahia. *Caderno de Ciências Humanas – Especiaria*, Ilhéus, v. 10, n° 18, 2007. pp. 737-793.

MAHONY, Mary Ann. **The World Cacao Made: Society, Politics, and History in Southern Bahia, Brazil**, (1822 – 1919). Doctoral thesis presented to the Faculty of the Graduate School of Yale University, New Haven, EUA, 1996.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário Histórico do Esporte no Brasil do século XIX ao início do século XX**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

MELO, Victor Andrade de. O corpo esportivo nas searas tupiniquins: um panorama histórico. In: Amantino, Marcia e Priore, Mary Del. (Org.). **História do corpo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, v. 1, p. 123-145, 2011.

NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. **Viver por si**: histórias de liberdade no agreste baiano oitocentista (Feira de Santana, 1850-1888). 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

NORTE, Ramom de Souza; SANTANA, Thiago Santos; NUNES, Fábio Santana e COTES, Marcial. Pugnas internacionais: ilheenses versus tripulantes britânicos do navio de guerra Delhi em 1930. **Recorde – Revista de História do Esporte**, v. 15, n. 1, p. 1 – 24, 2022.

NUNES, Fábio Santana; RIBEIRO, Jean Carlo. Incidência histórica do esporte no Piemonte da Chapada Diamantina, sertão baiano, nas décadas de 1920 e 1930. **Cenas Educacionais**, Bahia, v. 3, n. 6994, p. 1- 21, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/6994/6120>. Acesso em: 16 abr. 2021.

NUNES, Fábio Santana. “A los toros!”: as touradas em Feira de Santana (1893-1905). **Revista Caminhos da História**, Montes Claros, v. 26, n. 1, p. 54-79, 2021a.

NUNES, Fábio Santana. **Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium**: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922). 2021. Tese (doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021b.

NUNES, Fábio Santana; RIBEIRO, Jean Carlo; COTES, Marcial. Notas introdutórias do *foot ball* em Feira de Santana (1906-1922). **Recorde – Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 1-33, jun./dez. 2023. <https://revistas.ufrrj.br/index.php/Recorde/article/view/62427>. Acesso em: 01 out. 2024.

OLIVEIRA, Lucas; SILVA, Jonas dos Santos; SANTOS, Isabele Pires; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Futebol sim, mas não só: a presença das lutas em periódicos da cidade de Salvador (1912 / 1935). **Cadernos de História**, v. 22, p. 280-295, 2021.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; MACHADO, Aline Gomes. Alcyrr Ferraro materializador da formação em Educação Física na Bahia. **Recorde – Revista de História do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 1-17, 2023.

PIRES, Roberto Godim; DIAS, Cleber e LEITE, Marcos Cesar Meira. História e memória do esporte em Jequié. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 07, p. 01-23, 2014.

PIMENTA, Daniele. **Antenor Pimenta, circo e poesia**: a vida do autor de “... E o céu uniu dois corações”. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

Richardson, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed., São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; SANTO, Fernando Reis do Espírito. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 79-95, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. Esporte e modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: um estudo comparado. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 2, n. 1, p. 99-116, 2013.

RUSSEL-WOOD, Anthony John R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 187-250, 1998. DOI: S0102-01881998000200010.

SANTANA, Thiago Santos; NORTE, Ramom de Souza; NUNES, Fábio Santana; SILVA, Aldo José Moraes; COTES, Marcial. O esporte em Ilhéus e a consolidação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1921). **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28030, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113797>

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-1946)**. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Augusto Fagundes da Silva dos. Doações: principal fonte de receitas da Santa Casa de Misericórdia da Bahia no século XVIII. Alfenas, Minas Gerais, **Revista Debate Econômico**, v.1, n.2, p. 54-85, jul/dez 2013.

SILVA, Aldo José Moraes. A Beneficência Compulsória nas apresentações artísticas em fins do século XIX e início do XX. **História e Cultura**. v.12, n.1, jul, 2023

SILVA, Bruna Dantas da; COTES, Marcial. Foi um rio que passou em minha vida: Ilhéus e a busca da modernidade (1921 / 1930). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 78, p. 392-425, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p392-425>

SILVA, Erminia. **Circo-teatro**: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no interior da Bahia, Brasil, na primeira metade do século XX**. Tese de doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, 2014.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no sertão do Brasil**. Curitiba: CRV, 2018.

SILVA, Reginaldo Carvalho. Circo-Teatro no Semiárido Baiano (1911-1942). **Repertório Teatro & Dança**, v. 1, p. 40-51, 2010.

SILVA, Reginaldo Carvalho. Os Dramas de José Carvalho. **Memória ABRACE**, v. VI, p. 1-10, 2010.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. Os dramas de José Carvalho: ecos do melodrama e do circo-teatro no sertão baiano. 2008. 305 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 210-235 jan./abr. 2013.

SOSA, Virginia Alonso; MORO, Paola Dogliotti. Alberto Langlade: Circulaciones, tránsitos y apropiaciones. Uruguay (1945-1970). **Recorde: Revista do História do Esporte**, v. 17, n. 1, p. 9, 2024.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o oeste de Minas Gerais, c. 1890-1920. **Repertório**, Salvador, ano 24, n. 37, p. 240-252, 2021.

XAVIER, Rosana Daniele. Respeitável público, o circo chegou! Uma análise da apropriação dos espetáculos circenses no Oeste de Minas Gerais (1888-1930). In: CORGOZINHO, Batistina Maria de Souza; CATÃO, Leandro Pena; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (Orgs). **História e memória no centro oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: 2009. p. 197-198.

Fontes

ÁGUA PRETA SOCIAL. **Correio de Ilhéos**, n. 769, p. 2, 8 jul. 1926.

CIRCO ALTAI. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, , n. 233, 19 dez. , p. 2, 1922.

CINEMAS. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, nº 1174, p. 2, Quinta-feira, 04 abr. 1929.

CINEMA CENTRAL. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 175, 1º ago., p. 2, 1922.

CIRCO EUROPEU. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 713, 20 fev., p. 2 1926.

CIRCO EUROPEU. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 714, 23 fev., p. 2, 1926.

CIRCO EUROPEU. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 1140, 10 jan., p. 2, 1929.

CIRCO IRACY. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 1175, 06 abr., p. 2, 1929.

CIRCO JONAS. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 186, 26 ago., p.2, 1922.

CIRCO RIO GRANDENSE. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 672, 12 nov., p. 2, 1925.

CIRCO TEMPERANI. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 88, 09 jan., p. 2, 1922.

CIRCO TEMPERANI. **Correio de Ilhéos**, n. 100, 26 de jan., p. 2, 1922.

CIRCO TEMPERANI. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 93, 14 jan., p. 2, 1922.

CIRCO TEMPERANI. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 101, 28 jan., p. 2, 1922.

CIRCO THEATRO DUDÚ. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 734, 13 abr., p. 2, 1926.

CIRCO VENTURA. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 398, 24 jan., p. 2, 1924.

GYMNASTICO PORTUGUES. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 mar., n. 00086, p. 1, 1871.

DA COMPANHIA DE CIRCO JONAS. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 183, 19 ago., p. 2, 1922.

EDEN CIRCO. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, n. 1012, 25 fev., p. 2, 1928.

EM PIRANGY: Cine-Theatro Laroca. **Correio de Ilhéos**, Ilhéos, nº 506, p. 2, 09 out., 1924.

EM PROL DOS OPERÁRIOS. **Correio de Ilhéus**, n. 182, 17 ago., p. 1, 1922.

FESTA DO FLAMENGO. **Correio de Ilhéos**, Ilhéus, n. 447, 22 mai., p. 1, 1924.

HYGIENE PUBLICA. **Correio de Ilheos**, Ilhéos, n. 864, 10 mar., p. 1, 1927.

JAYME M. FERREIRA. **Correio de Ilhéos**, n. 145, 18 de mai., p. 2, de 1922.

O FLAMENGO E O SEU BENEFÍCIO. **Correio de Ilhéos**, n. 298, 26 mai., p. 1, 1923.

VESÚVIO. **Correio de Ilhéos**, n. 296, 22 de mai., p. 3, 1923.